

Pastorinhas, a saudade de Realengo

Recuperar e divulgar uma de nossas maiores tradições folclóricas são os objetivos do livro "As pastorinhas de Realengo", lançado pela professora de música Ermelinda Azevedo Paz, de 40 anos. Para falar sobre o tema e outros assuntos ligados à cultura brasileira, ela realizará uma palestra nas Faculdades Integradas Simonsen (Rua Ibitiúva 151, Padre Miguel), no próximo dia 5, a partir das 19h30m.

A idéia de Ermelinda ao escrever "As pastorinhas de Realengo" era usá-lo como trabalho final para o curso de especialização em folclore, que concluiu em 1974, na UFRJ. Mais tarde, a professora voltou ao texto e inseriu um histórico dos pastores, observações sócio-culturais e econômicas de Realengo, onde morou 20 anos e fez a pesquisa, além de depoimentos, fotos e ilustrações:

— Eu gostaria que este trabalho fosse veiculado principalmente nas escolas. As crianças e jovens precisam saber um pouco mais sobre a cultura popular, sobre o que é o pastoreio. Como o livro possui letras e

partituras, as professoras de Educação Musical também podem utilizá-lo em suas aulas. Para obter os exemplares, basta escrever para a Editora Universitária da UFRJ, na Ilha do Fundão, Caixa Postal 68.030, ou entrar em contato pelos telefones 225-0557, 245-6702 e 268-1836.

Ermelinda observa que, agora, quando voltou a Realengo para lançar o livro, as crianças e adolescentes sequer sabiam o que eram as pastorinhas. Segundo a autora, nas décadas de 50 e 60, não havia um Natal em que Agueda de Souza Goulart, a Dona Guidinha, uma das mais ilustres moradoras do bairro, não ensaiasse um grupo para encenar o pastoreio no clube Cruzeiro.

— Ela era uma mulher fantástica. Todos os anos preparava os 'cordões' no carnaval e organizava as pastorinhas. Dona Guidinha morreu no ano passado, aos 83 anos, triste por não promover mais os festejos que tanto gostava, já que a falta de verbas e patrocínio não permitia — lembra.



Lembranças dos cordões azul e encarnado de Dona Guidinha

Além de Dona Guidinha, surgem no livro muitos personagens marcantes na história de Realengo. Ermelinda faz questão de frisar que pesquisou três gerações de pessoas ligadas às montagens do pastoril no bairro. A cada ano, às vésperas do Natal o auto era encenado, com cerca de 50 pessoas, em dos clubes mais importantes da área: o Cruzeiro.

— Era uma superprodução para os moldes da época, que durava cerca de duas horas. Dona Guidinha fazia questão dos mínimos detalhes: efeitos especiais de iluminação, de sons e visuais. Tudo feito com material caseiro, por pessoas de poucos recursos e cultura, mas muita sensibilidade.

"As pastorinhas" eram apresentadas ao público de Realengo até o dia de Reis, em 6 de janeiro. A cada montagem anual, os atores mudavam de personagem, mas não deixavam

de participar.

— Sempre me interessei pelo papel do Relâmpago, mas como estudante de manhã cedo, no centro da Cidade, e os ensaios eram feitos à noite, eu acabava não atuando — relembra Ermelinda.

Em "As pastorinhas de Realengo", a professora conta história dos cordões azul e encarnado, composto por 16 pastores, que dão glórias ao nascimento de Jesus. Além delas, há personagens como o anjo, o cupido, a noite, a florista, a mestre e o Fúria (diabo).

Em três atos, conta-se a história de Libertina, uma moça livre que se envolve com um pastor e não cede aos apelos da tia para reverenciar o nascimento de Jesus Cristo.

Depois de descobrir que, na verdade, o pastor é o Fúria disfarçado e quase morrer, Libertina se arrepende e volta-se para a comemoração do Natal.